

www.marcoschicot.com

FICHA TÉCNICA

Título original: *El Asesinato de Pitágoras*

Autor: *Marcos Chicot*

Copyright © Marcos Chicot, 2013

Copyright © 2013 António Vallardi Editore S.u.r.l., Milan

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Filipe Guerra*

Ilustração da capa © 2013 Cameron Smith. Todos os direitos reservados

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, junho, 2015

Depósito legal n.º 392 772/15

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

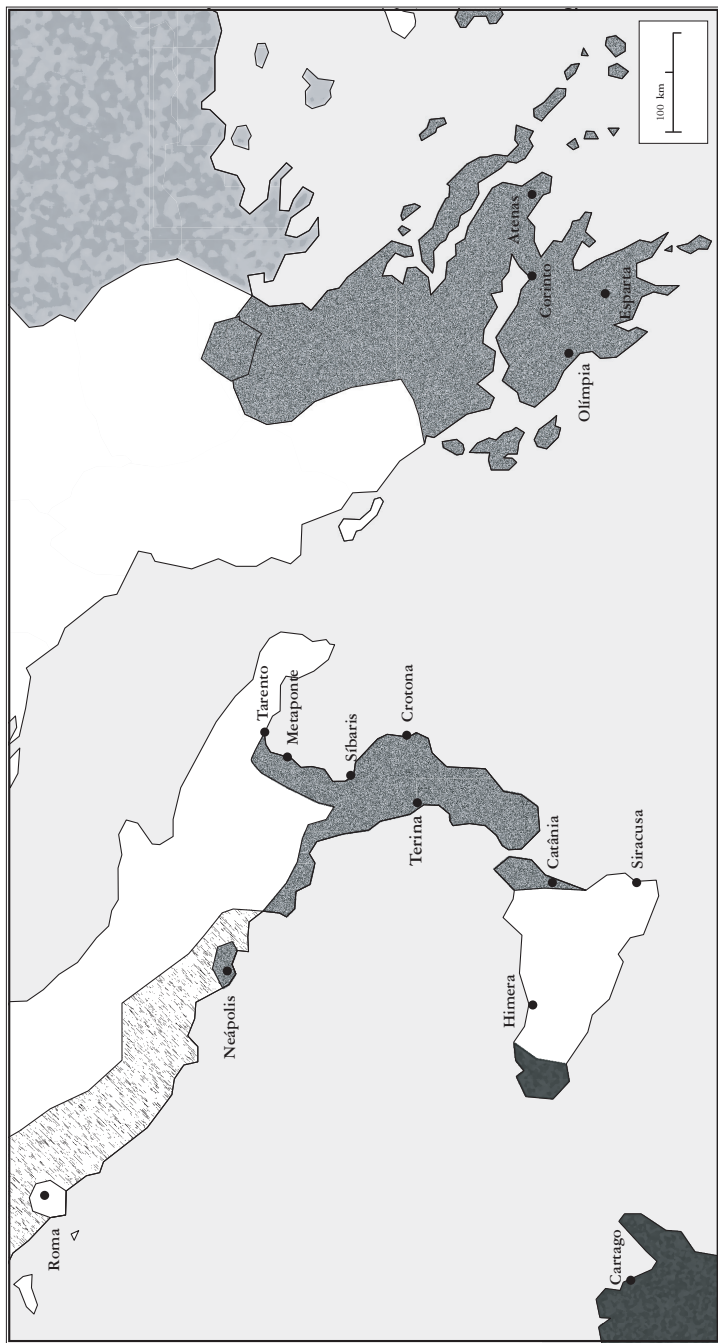
Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

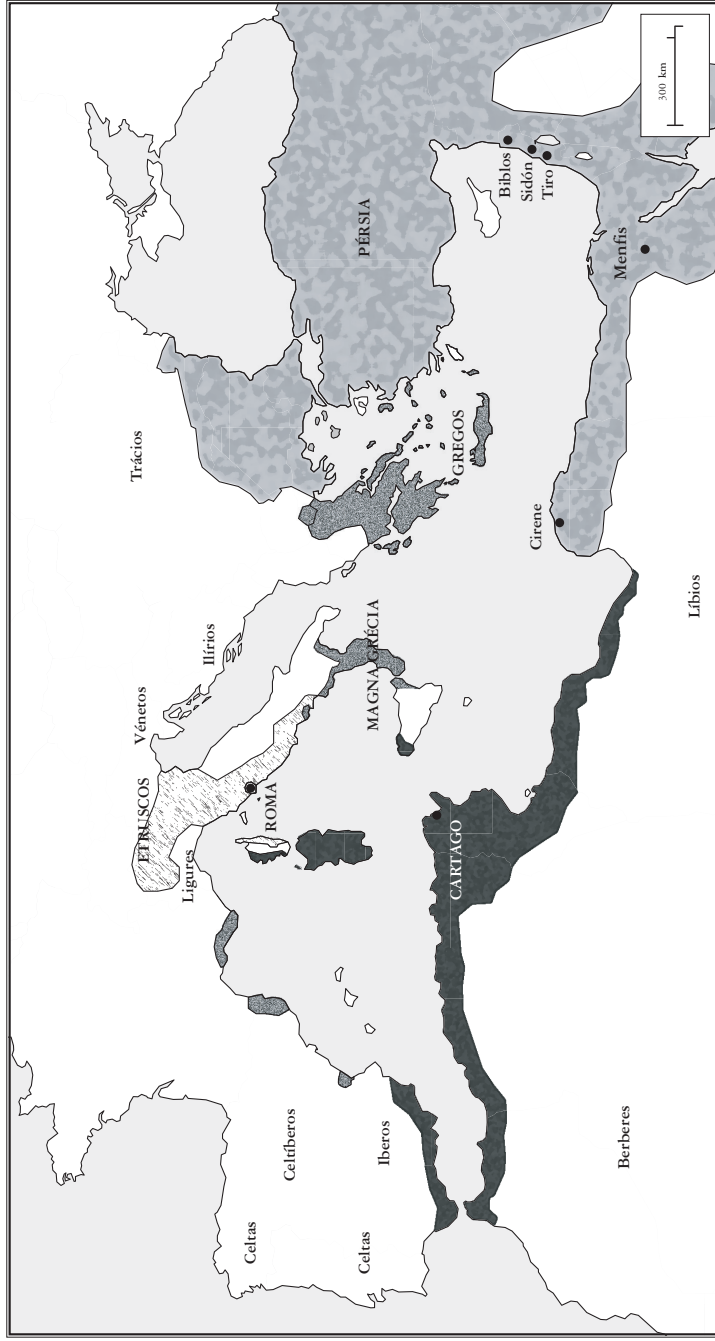
info@presenca.pt

www.presenca.pt

MAGNA GRÉCIA E REGIÕES VIZINHAS



MEDITERRÂNEO, 510 a. C.



Ficas também a saber que os males que afligem os homens
foram gerados por eles mesmos.
Na sua pequenez, não compreendem
que junto deles têm os maiores bens.

PITÁGORAS, *Versos Áureos*.

Antes de mais, respeita-te a ti mesmo.

PITÁGORAS, *Versos Áureos*.

PITÁGORAS

{...} Foi um dos homens mais poderosos da sua época e um dos mais misteriosos de todos os tempos.

Senhor de um carisma irresistível e de um intelecto prodigioso, passou a primeira parte da sua vida a viajar em busca de novos conhecimentos. Aprendeu com os melhores mestres gregos: Anaximandro e Tales de Mileto. Posteriormente, absorveu durante longos anos os conhecimentos dos melhores matemáticos e geómetras da época, os egípcios. Mais tarde relacionou-se na Mesopotâmia com os astrólogos caldeus e os matemáticos babilónicos que lhe transmitiram todos os seus conhecimentos de aritmética, astrologia e astronomia. A sua mente privilegiada uniu numa síntese única os saberes do Oriente e do Ocidente e, partindo desse fulcro inédito, levou a cabo numerosos avanços revolucionários em prol da humanidade.

Juntamente com o conhecimento científico, estudou as religiões de todas as culturas, os rituais sagrados e as práticas de elevação espiritual. Alguns contemporâneos seus afirmavam que ele era capaz de curar através das suas mãos e que, em mais de uma ocasião, foi visto a controlar as forças da natureza e a exercer o dom da adivinhação.

Na segunda metade do século VI a.C. fundou um movimento filosófico, matemático e político que se propagou rapidamente pela Magna Grécia — colónias gregas da península itálica e Sicília. Começando por Crotona, formou uma elite político-intelectual que assumiu pacificamente o controlo dos governos de Crotona, Síbaris, Tarento e muitas outras cidades. Estas eram independentes entre si, mas todos os seus governos consideravam Pitágoras, mais do que um líder, um semideus.

Enciclopedia Matemática. Socram Ofisis, 1926.

PRÓLOGO

25 de março de 510 a.C.

«Encontra-se aqui o meu sucessor.»

Pitágoras estava sentado no chão com as pernas cruzadas, a cabeça inclinada e os olhos fechados, mergulhado num estado de intensa concentração. Em frente dele, seis homens, em forte expectativa, aguardavam.

Tinha ultrapassado limites inimagináveis, controlava o espírito humano e as leis do cosmos. Agora, o seu principal objetivo era que a irmandade que havia fundado continuasse a desenvolver essas capacidades quando ele partisse.

Inspirou profundamente o ar do templo. Era fresco e exalava um cheiro suave a mirto, zimbro e alecrim, as ervas purificadoras que tinham queimado no início daquela reunião extraordinária.

Sem aviso prévio, a sua firmeza de ânimo ficou violentamente abalada. Duante uns segundos, o coração parou de lhe bater e teve de fazer um esforço titânico para conseguir que nenhum dos seus traços se alterasse. Os seus discípulos mais avançados encontravam-se junto dele, esperando que emergisse da sua meditação e lhes falasse. «Não podem dar-se conta de nada», disse, alarmado, de si para si. Partilhava com eles a maioria das suas premonições, mas não esta. O presságio era tenebroso demais. Havia já algumas semanas que o mortificava, e continuava sem lhe revelar qualquer pormenor.

Exalou o ar lentamente. A força obscura do pressentimento multiplicara-se ao entrar no templo; no entanto, não havia qualquer outro indício que levasse a pensar que corriam perigo.

Os seis homens à sua frente, sentados em semicírculo e vestindo túnicas simples de linho, pertenciam ao grau mais elevado da ordem, a dos *grandes mestres*. Ao longo dos anos, tinha desenvolvido para com eles um afeto sólido e um profundo orgulho. A suas mentes contavam-se entre as mais capazes e evoluídas da época, e cada um deles tinha dado o seu contributo próprio ao *corpus* pitagórico. No entanto, só

aquele a quem ele nomeasse sucessor receberia os seus últimos ensinamentos e, na posse deles, subiria mais um degrau entre o humano e o divino.

O seu herdeiro espiritual poderia, além disso, alcançar um poder terreno único na história. Seria ele o dirigente das elites pitagóricas que governavam, seguindo os princípios morais da sua ordem, num território cada vez mais amplo. A irmandade já se alargara para além da Magna Grécia: governava cidades da Grécia continental, algumas localidades etruscas e estava, inclusive, a introduzir-se na florescente Roma. Depois viriam Cartago, Pérsia...

«Embora não devam esquecer que o poder terreno é apenas um meio.»

Pitágoras levantou devagar a cabeça e abriu as pálpebras.

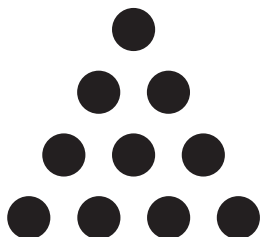
Os seis discípulos ficaram surpreendidos. Nos olhos dourados do mestre ardia um fogo mais intenso do que o habitual. O seu cabelo, de um branco de neve, caía-lhe em cascata sobre os ombros e, tal como a barba, parecia resplandecer. Tinha mais de setenta anos, mas mantinha quase intacto o vigor da juventude.

— Observai a *tetráktis*, chave do universo — a voz de Pitágoras, profunda e suave, ecoou no espaço solene do templo circular.

Na mão direita segurava uma vara de freixo. Apontou com ela para o chão de mármore, onde tinha desenrolado um pequeno pergaminho entre ele e os seus discípulos. Indicava-lhes um desenho simples. Uma figura triangular formada por quatro filas de pontos. A da base tinha quatro pontos, a seguinte três, havia outra de dois e, finalmente, uma cúspide de um só ponto. Estes dez pontos ordenados em triângulo eram um dos símbolos fundamentais da ordem.

Continuou a falar com majestosa autoridade.

— Durante os próximos dias dedicaremos a última hora a analisar o número que os comporta a todos: o dez. — Executou com a vara um movimento circular à volta da *tetráktis*. — O dez contém também a soma das dimensões geométricas — deu um toque com a vara nos diferentes níveis desenhados no pergaminho —: um é o ponto, dois a linha, três o plano e quatro o espaço.



Inclinou-se para a frente e o seu olhar ficou mais intenso. Quando voltou a falar, a sua voz tinha-se tornado mais grave.

— O dez, como sabeis, também simboliza o fecho completo de um ciclo.

Estas últimas palavras pronunciou-as ele olhando para Cleoménidas, o discípulo sentado à sua direita. Este engoliu a saliva contendo um arrebatamento de orgulho. Era evidente que Pitágoras estava a pensar em retirar-se e no discípulo que deveria suceder-lhe. Cleoménidas, de cinquenta e seis anos, sabia que se impunha como um dos principais candidatos. Era um notável matemático, embora não fosse porventura o mais brilhante, e destacava-se sobretudo pelo férreo cumprimento das regras morais rigorosas da ordem. Salientava-se também pelo seu peso político, uma vez que provinha de uma das principais famílias aristocráticas de Crotona e sabia manejar com hábil diplomacia os assuntos da governação.

O semblante de Pitágoras suavizou-se, sem chegar porém a esboçar um sorriso. O principal candidato era Cleoménidas, mas não ia precipitar-se a tomar uma decisão final. Antes, tinha de analisar o comportamento de todos depois de lhes ter revelado que estava a considerar o tema da sucessão. Embora o processo completo pudesse dilatar-se por alguns meses, tinha agora de estudar a primeira reação de cada um, a mais reveladora.

Desviou os olhos para Evandro, que lhe respondeu com uma expressão sincera e satisfeita. Tratava-se de um dos membros mais jovens do seu círculo íntimo, contando apenas quarenta e cinco anos. O seu pai tinha sido um comerciante de Tarento que viajava regularmente a Crotona. Evandro era o seu segundo filho e costumava acompanhá-lo para aprender o negócio; mas um dia, vinte e cinco anos atrás, assistiu a um discurso de Pitágoras e resolveu de imediato incorporar-se na ordem. O pai foi protestar energicamente junto de Pitágoras. Meia hora depois saía da comunidade feliz por deixar ali o seu filho, tornando-se ele próprio um iniciado que, enquanto foi vivo, esteve com a comunidade regularmente.

Evandro, corpulento e vigoroso, mantinha a devoção do primeiro dia e também os fulgores da sua forte impulsividade natural, embora muito atenuados pela sabedoria que entretanto alcançara.

«Necessita ainda de vários anos de prática para conseguir um auto-domínio completo.»

Assim como eram dez os pontos contidos na *tetráktis*, também eram dez as estátuas de mármore que contemplavam o mestre e os discípulos. A deusa Héstia, por trás de Pitágoras, tinha a seus pés o fogo sagrado que nunca se extinguia. Ao longo da parede, Héstia formava um círculo

perfeito com as outras nove estátuas, as quais representavam as nove musas a que aquele santuário era consagrado: o Templo das Musas.

Em frente de Pitágoras, com a musa Calíope por trás dele e olhando para o mestre com sóbria reverência, encontrava-se Hipocreonte. Aos sessenta e dois anos, era o discípulo de grau máximo mais velho. Natural de Crotona, desde muito jovem se havia afastado das ocupações da família — a política e o comércio — para se dedicar à filosofia. Tinha vocação para eremita e mal saía da comunidade, se bem que, de cada vez que o fazia, se servisse do seu carisma especial para conseguir entrar em palestras proveitosas. As suas relações familiares eram muito importantes para a ordem: os seus três irmãos faziam parte do Conselho dos Trezentos — o órgão máximo do governo de Crotona — e tinham sido iniciados no pitagorismo pelo próprio Hipocreonte. De vez em quando apareciam na comunidade e seguiam muitos dos seus preceitos, além de governarem em conjunto com os outros conselheiros pitagóricos.

«Hipocreonte, se a tua natureza não repelisse a política como o gato a água, poderias ser o meu principal candidato.»

Em poucos anos, o movimento pitagórico poderia tornar-se um império. O primeiro império filosófico e moral da história. O seu presidente devia possuir grandes aptidões políticas.

Quando ia passar ao candidato seguinte, Pitágoras teve de parar. Inclinou a cabeça para a *tetráktis* e fechou os olhos. Uma sensação estranha percorria-lhe as costas e os braços, fazendo-lhe arrepiar os pelos do corpo. Deixou esvaziar a mente para que o presságio tomasse forma. De seguida vislumbrou o mesmo manto de escuridão das últimas vezes. Ao fim de um momento, porém, não conseguiu distinguir nada mais e, por fim, desistiu. Retomou o domínio completo de si mesmo e levantou os olhos.

Com as costas ladeadas pelas magníficas estátuas das musas Polímnia e Melpómene, Orestes mexeu-se, inquieto, ao ver cravado em si o olhar penetrante do mestre.

«Não consegues perdoar a ti mesmo o que há muito tempo expiaste», lamentou Pitágoras.

Tinha aprendido com os caldeus a ver o interior das pessoas através dos gestos, da fisionomia, do olhar ou do riso. Quanto a Orestes, apercebera nele, desde o princípio, a culpa e o arrependimento. Quando era um jovem político tinha roubado ouro aproveitando-se do cargo público que ocupava. Pagou por isso e, depois, quis entrar para a comunidade. Pitágoras analisou-o com ceticismo, mas ficou surpreendido ao aceder ao seu interior. Viu de imediato que Orestes nunca mais voltaria a cometer um ato imoral. Antes de passar pelos processos de purificação que Pitágoras ministrava, já Orestes tinha

apagado do seu íntimo toda a tendência egoísta e cobiçosa. Quando completou os três anos de ovinente e ascendeu ao grau de matemático, Pitágoras comprovou que os seus dotes para os conceitos numéricos eram excepcionais.

«Talvez sejas o que melhor combine a capacidade matemática com a moral, mas, se viesses a deter o poder, a mancha do teu passado poderia ser uma perigosa arma política contra ti.»

O seguinte no círculo era Daaruk. Nascera no reino de Kosala, um dos dezasseis Mahajanapadas, os Grandes Reinos à volta dos grandes rios Indo e Ganges. A única coisa que revelava a sua origem era o tom da pele, um pouco mais escuro do que o dos gregos. Tinha-se instalado com o pai em Crotona quando tinha apenas onze anos e falava um grego perfeito, sem sotaque. Tinha agora quarenta e três anos, menos dois que Evandro, o que o tornava o membro mais jovem da elite pitagórica. Desde o princípio que os seus dotes intelectuais se tinham salientado.

«No entanto, é improvável que faça dele o meu sucessor.»

Não apenas porque nomear um estrangeiro como líder pudesse vir a causar fricções na ordem. Daaruk tinha uma mente brilhante e era um fiel seguidor das normas morais, mas, talvez pela sua juventude, tinha mostrado certa vaidade por mais de uma vez. Além disso, nos últimos anos tinha-se tornado um tanto preguiçoso.

O último do grupo olhava-o com intensidade.

Aristómaco tinha cinquenta anos e estava há trinta com ele. Era um extraordinário matemático, a sua devoção à ordem estava fora de qualquer dúvida.

«Daria a vida pela causa sem vacilar.»

Pitágoras nunca tinha conhecido ninguém com uma tal ânsia de saber. Ninguém que tivesse tanta necessidade dos seus ensinamentos. Tinha absorvido cada conceito da doutrina como se fosse a última gota de água, começando depois a dar contributos notáveis.

«Com uma personalidade forte seria o candidato perfeito.»

Mas não a tinha. Com cinquenta anos era tão inseguro e nervoso como um rapazinho assustado de dez. Procurava nunca sair da comunidade e havia já bastante tempo que Pitágoras não lhe pedia que proferisse discursos públicos.

Suspirou e percorreu o grupo com o olhar em sentido contrário, sem o deter mais tempo nuns do que noutros dos grandes mestres: Aristómaco, Daaruk, Orestes, Hipocreonte, Evandro e Cleoménidas. Depois baixou a cabeça.

«Provavelmente, Cleoménidas será o eleito. Tomarei a minha decisão dentro de uns meses.»

Assentiu firmemente com a cabeça, pensando nos seus planos para o futuro.

«O eleito mudará o mundo.»

Pegou com as duas mãos na taça grande colocada no chão em frente dele. Continha um mosto espesso e claro através do qual podia ver a figura entalhada no seu interior, o pentáculo: a estrela de cinco pontas inscrita num pentágono. Era outro dos símbolos sagrados da sua ordem que ocultava grandes segredos da natureza. Neste caso, como era frequente entre os pitagóricos, tinha-se acrescentado uma letra da palavra *saúde* em cada uma das pontas.

Olhou para a sua frente. As sombras dos discípulos ondulavam na parede ao ritmo do fogo sagrado. As musas resplandeciam atrás deles no tom alaranjado que as chamas lhes davam.

— Ergamos as nossas taças por Héstia, deusa do lar, pelas musas que nos inspiram e pela *tetráktis* que tanto nos revela.

Os seis discípulos pegaram nas taças e ergueram-nas com reverência em frente dos olhos. Mantiveram-nas ao alto uns segundos e depois, todos ao mesmo tempo, beberam.

Pitágoras pousou a taça de barro vermelho no chão e passou uma mão pelas barbas. À sua direita, alguém largou a taça com brusquidão. O mestre virou a cabeça na direção do som.

Cleoménidas estava a olhá-lo intensamente, abrindo tanto os olhos como se fossem saltar-lhe das órbitas.

«O que é?!»

Antes de Pitágoras completar o pensamento, o seu discípulo preferido inclinou-se para ele tentando agarrá-lo pelo braço. A sua mão rígida deteve-se a meio do caminho. Tentou falar, mas só conseguiu emitir um gorgolejo que lhe encheu a boca de espuma. O seu pescoço, vermelho e inchado, estava sulcado de veias grotescamente dilatadas.

No meio do sagrado Templo das Musas, Cleoménidas tombou sem vida.

CAPÍTULO 1

16 de abril de 510 a.C.

Akenon, sem desviar o olhar do pequeno copo de cerâmica com vinho, observou pelo canto do olho o estalajadeiro. Este aproximou-se da sua mesa até ficar a dois passos, hesitou e voltou a afastar-se. Não lhe agradava que um cliente estivesse tanto tempo sem acabar sequer o primeiro copo, mas não se atrevia a incomodar um estrangeiro, decerto egípcio e que, além de ser uma cabeça mais alto do que ele, estava armado de uma espada curva e de um punhal que não se incomodava a esconder.

Akenon voltou a ensimesmar-se, alheado do ambiente lúgubre daquela estalagem. Havia duas horas que ali estava e ainda ficaria várias horas mais; mas, depois do Sol posto, estaria na companhia de alguém que nunca entraria por sua própria vontade nesse antro.

Acariciou distraidamente a borda do copo e depois bebeu um pequeno gole. O vinho, surpreendentemente, era digno de se beber. Sem levantar a cabeça, percorreu a sala com o olhar.

«Esta noite acabará tudo.»

A maioria das lendas vão-se exagerando até se afastarem completamente da realidade. «Mas no caso dos sibaritas quase tudo está certo», pensou Akenon.

Síbaris era uma das cidades mais populosas que tinha conhecido na sua atribulada vida. Dizia-se que contava com trezentas mil almas, e talvez fosse verdade. O resto dos mitos, não obstante, apenas batiam certo na parte da cidade que ficava mais perto do importante porto. Era ali que residia a maioria dos aristocratas, donos de quase toda a fértil planície onde assentava a cidade, e possuidores de uma frota comercial só ultrapassada pela dos fenícios.

Os aristocratas sibaritas eram tal como se dizia deles: viviam para o prazer, o luxo e o requinte. Procuravam a sua comodidade até ao ponto de não permitirem que na sua parte da cidade se instalassem ferreiros ou caldeireiros, nem que se cunhasse moeda. Embora fugissem do

trabalho como da peste, não descuravam o controlo sobre o poder, que exerciam diretamente, nem sobre o comércio, que manejavam através de empregados de confiança. Levavam dois séculos a acumular riqueza, facto com que Akenon estava encantado, uma vez que era graças a isso que o haviam encarregado da investigação mais bem paga da sua vida. Tinha já escurecido havia um bocado quando uma silhueta se recortou na entrada da estalagem. Localizou Akenon, fez um gesto sóbrio de reconhecimento e voltou a sair. Um minuto depois entraram vários criados seguidos por um personagem encapuzado. De pouco lhe servia esconder-se por baixo de um capuz quando estava trajado de luxuosos tecidos de cetim e veludo, e quando o seu corpo tinha o dobro do tamanho normal.

Um escravo apressou-se a desdobrar um grande tamborete com assento de tiras de couro entrelaçadas. Pôs em cima uma grossa almofada de penas e o encapuzado sentou-se em frente de Akenon fazendo um gesto de incomodidade. Os criados rodearam-no, uns à espera dos desejos do senhor, outros servindo de guarda-costas. O estalajadeiro fez tenção de se aproximar, mas impediram-no imediatamente. Akenon levantou o copo para o recém-chegado.

— Recomendo-te este vinho, Glauco. É bastante bom.

Glauco fez um gesto de desprezo ao mesmo tempo que baixava o capuz. Ele só bebia do melhor vinho de Sídon.

Akenon observou com inquietação o seu companheiro de mesa. Torcia as mãos, rechonchudas e húmidas. A papada ocupava o lugar onde devia ter estado o pescoço e pelas suas bochechas carnudas caíam gotas de suor. Os olhos, enganadoramente ternos, moviam-se com rapidez, como se fosse incapaz de fixar o olhar.

«Receio que esta noite vou encontrar um Glauco novo.» Uma velha e desagradável recordação, de quando vivia no seu Egito natal, atingiu Akenon. Uns vinte e cinco anos atrás tinha resolvido brilhantemente uma investigação policial. Graças a isso, foi contratado pelo próprio faraó Amosis II. Em teoria, para fazer parte da sua guarda privada, mas na realidade para investigar membros da corte e nobres com ambições excessivas. Akenon descobriu poucos meses mais tarde uma conspiração organizada por um primo do faraó. Amosis II felicitou-o efusivamente e o jovem Akenon encheu-se de orgulho. No dia seguinte assistiu ao interrogatório do parente conspirador. Depois das perguntas e ameaças da praxe, começaram as pancadas. Depois apareceram umas doentias ferramentas metálicas e aquilo degenerou numa sádica tortura. Akenon ficou tão doente que deixou que fossem os outros a interrogá-lo. Meia hora depois já nem sequer se faziam perguntas. Não abandonou a sala porque isso teria sido sinal de uma fraqueza inaceitável, mas ficou a

uns metros do interrogado, de olhar perdido, procurando evitar que as imagens da carnificina se lhe gravassem no cérebro. No entanto, nada pôde fazer para evitar os gritos. Agora, de cada vez que acordava encharcado em suor, o eco daqueles berros medonhos ficava-lhe muito tempo a ressoar na cabeça.

Não voltou a assistir a um interrogatório, nem alguma vez mais lho pediram, mas passar de novo por algo de semelhante era um dos seus medos mais profundos.

Glauco arrancou-o daquelas recordações.

— Quanto tempo tem de se esperar? — O semblante do sibarita refletia um desespero febril.

Apesar de já lho ter explicado pormenorizadamente, Akenon respondeu com paciência.

— Demora entre quatro a seis horas para se decompor com o calor da pele. Como está bastante frio, talvez precise de duas horas mais.

Glauco gemeu e apoiou a cara nas mãos. Ainda tinha de esperar horas, quando cada minuto já era para ele um tormento insuportável.

CAPÍTULO 2

16 de abril de 510 a.C.

A duas horas de distância de Síbaris, Ariadna jantava em silêncio com os seus dois acompanhantes. Estavam numa pequena estalagem, num canto da sala. Procurava sempre ocupar um lugar onde não estivesse ninguém nas suas costas.

Ao entrar, tinha lançado uma vista de olhos rápida pelo local. Todos os presentes pareciam inofensivos, exceto os dois homens que estavam em frente dela, a seis ou sete metros. As suas vozes ruidosas e ébrias sobrepunham-se às conversas da sala. De vez em quando olhavam à sua volta com ar de desafio e, por baixo das suas roupas, adivinhavam-se os punhais enormes. Ariadna comia sossegadamente, sem olhar para eles, mas estava atenta ao seu comportamento.

Também eles fixavam a atenção em Ariadna, especialmente o mais pequeno dos dois, Periandro, que não podia evitar que os seus olhos se dirigissem, uma e outra vez, para a jovem que jantava em frente dele. O cabelo claro chamava-lhe a atenção e reparava que, por baixo da sua túnica branca, se escondiam uns peitos grandes e firmes. Bebeu outro gole de vinho. Estava a celebrar com o seu companheiro uma operação que tinha corrido bem. Tinham acabado de levar para outro lado uma mercadoria roubada, ofício a que se dedicavam habitualmente. Com este trabalho tinham ganhado o suficiente para se dedicarem apenas a gastar dinheiro durante duas semanas. Ou apenas uma, talvez, tudo dependia de quanto esbanjassem. No dia anterior, por exemplo, tinham desembolsado uma boa quantidade de dinheiro num prostíbulo de Síbaris. Periandro ainda se derretia ao recordar a escrava egípcia que tinha possuído violentamente. Adoraria fazer o mesmo com a mulher do cabelo claro.

Ariadna, mesmo sem desviar os olhos do seu prato, apercebeu-se de que um dos homens dirigia para ela a sua repulsiva luxúria. Estremeceu de nojo e apertou os maxilares. Fechou então os olhos e, um instante depois, estava completamente relaxada. Apesar de os seus silenciosos acompanhantes serem homens de paz, não eram eles a única coisa que a protegia.

Periandro inclinou-se para o seu companheiro sem deixar de olhar para Ariadna.

— Antíoco, olha para aquela mulher — e indicou-lha com a cabeça.

— Está a pôr-me louco. Tal qual uma Afrodite.

— É uma visão agradável — concordou Antíoco em voz baixa.

— Repara nos inúteis que a acompanham. — Olhou para eles com um desprezo agressivo. — Podemos deixá-los fora de combate com uma mão atrás das costas. Se organizarmos bem a emboscada, nem sequer teriam tempo de gritar. Que te parece? — Viu que Ariadna chupava os dedos com os seus lábios carnudos e sentiu o desejo a aumentar. — Diz-me que sim, porque eu vou ter essa mulher nem que tenha de a gozar sozinho.

Antíoco sobressaltou-se e agarrou Periandro pela túnica.

— Cala-te, doido! — cochichou entre dentes. — Será que não sabes quem é?

Periandro olhou surpreendido para o seu alentado companheiro. Antíoco aproximou-se ainda mais e sussurrou-lhe ao ouvido a identidade da voluptuosa jovem.

O rosto de Periandro empalideceu bruscamente. Olhou para Ariadna de soslaio, baixou a cabeça e apoiou a testa numa mão, ocultando a cara.

— Vamos embora — sussurrou.

Antes mesmo de Antíoco responder, levantou-se tentando não fazer barulho e saiu da sala de jantar a toda a pressa.

Ariadna continuou a comer sem se incomodar a levantar os olhos.

CAPÍTULO 3

16 de abril de 510 a.C.

Um mês antes, Akenon tinha-se reunido com Eshdek, a pessoa mais parecida com um amigo que tinha em Cartago.

Estavam num aposento amplo e muito quente da vivenda principal do cartaginês, sentados em cadeirões de madeira cobertos por grandes almofadões com recheio de penas. Eshdek, um dos três comerciantes mais abastados de Cartago, exibia um sorriso divertido e chispavam-lhe os olhos.

— Tenho uma nova tarefa para ti. Vais adorar.

Akenon olhou-o com interesse e esperou que ele continuasse, bebericando o vinho doce da Mesopotâmia por uma caneca de marfim. A asa da caneca, que se ajustava perfeitamente à forma da sua mão, tinha a forma de um cavalo em pé nas patas traseiras. Um trabalho requintado.

— Desta vez não é para mim, mas para Glauco, um dos meus clientes. Na verdade, o meu melhor cliente. Eshdek salientou este ponto levantando uma mão com o indicador estendido, fazendo ondear a manga da sua túnica colorida.

Akenon franziu levemente o sobrolho. Trabalhava há quinze anos em Cartago como investigador independente, mas havia treze que se limitava a aceitar trabalhos de Eshdek. Ganhava com isso o suficiente para viver e apreciava muito a confiança e a segurança que encontrava naquela relação profissional. Não tinha qualquer vontade de trabalhar para terceiros... mas também não podia responder ao poderoso cartaginês com uma negativa imediata.

— O trabalho tem algo de bom e algo de mau. — Eshdek fez uma pausa retórica. — O mau é que é em Síbaris.

Akenon torceu a cara, num gesto já sem qualquer dissimulação. Sofria de enjoo quando viajava de barco e, para chegar a Síbaris, tinha de navegar de Cartago à Sicília e contorná-la até chegar à península itálica, o que implicava uma boa semana de navegação, e a partir

daí avançar pelo Mar Jónico e entrar no golfo de Tarento. No total, quase duas semanas de travessia marítima se o tempo fosse razoavelmente bom.

— Não faças essa cara, porque a parte boa compensa sobejamente essa tua ridícula aversão aos barcos. Na realidade, há duas partes boas. — Eshdek deu um gole do seu copo. — A primeira é que o trabalho parece simples e nada perigoso... — Ficou um momento pensativo. — Embora te deva avisar, aliás, de que Glauco é um tanto ou quanto especial. — Akenon carregou o sobrolho e Eshdek continuou: — É como se no seu interior convivessem pessoas diferentes. Uma vez encontrei-o levando uma vida quase ascética, rodeado de eruditos a quem paga fortunas para que lhe transmitam conhecimentos complicados; noutras ocasiões, vi-o ferozmente entregue à gula e à luxúria.

— Queres dizer que pode ter um arrebatamento violento e atacar-me?

— Não, não é tanto assim. Estou só a dizer que é um tanto imprevisível e deve ser tratado com cautela. — Abanou a mão como que a significar que não desse importância a isso. — O que se passa é que Glauco tem um escravo adolescente por quem se apaixonou perdidamente. Fez dele seu amante e, até há umas semanas, desfrutou com felicidade dessa relação. Acontece que, desde então, Glauco suspeita que o seu amante escravo tem, por sua vez, outro amante e os ciúmes fizeram-no perder a cabeça. Não conseguiu saber quem é e, como está louco pelo rapazinho e não tem a certeza absoluta de que ele o engana, não se decide a arrancar-lhe um confissão pela tortura. A tua tarefa seria averiguar, sem utilizar a força nem levantar suspeitas, se o rapaz engana ou não Glauco. E, em caso afirmativo, claro, descubras com quem ele o engana.

Eshdek encostou-se ao espaldar. Estava à espera que Akenon perguntasse qual era a segunda coisa boa daquele caso, mas o seu amigo egípcio limitou-se a sorrir. Eshdek gostava de controlar as conversas provocando perguntas e reações a seu capricho; quanto a Akenon, divertia-se a aborrecer o cartaginês evitando entrar no seu jogo.

— Oh, vá lá, por Astarte! — Eshdek levantou as mãos simulando desespero. — Pergunta de uma vez, maldita esfinge.

Akenon esboçou um sorriso.

— De acordo. Quanto? — Desconfiava que seria uma boa maquia.

— Ouve com atenção.

Eshdek prolongou o momento de modo teatral bebendo mais um gole de vinho. Inclinou-se para a frente e esperou que o seu amigo também o fizesse.

— O pagamento será em prata. E a quantia total é... o peso do escravo!

«O peso do escravo em prata!» Akenon estava impressionado, mas conseguiu disfarçar.

— Está gordo? — perguntou levantando uma sobrancelha.

— Por Baal, que importa como esteja!

Ambos soltaram uma gargalhada. Por mais magro que o rapaz estivesse, uma tal quantidade de prata seria pelo menos dez vezes mais do que Akenon alguma vez conseguira cobrar por uma investigação.

Ficaria dono de uma pequena fortuna... se resolvesse o caso.

Glauco estava a chorar.

Havia um tempo que se encontrava com a cabeça enterrada nos braços cruzados em cima da mesa. Não se lhe via a cara, mas os seus ombros estremeciam a intervalos regulares.

«Dá-me uma certa pena — pensou Akenon com um gesto de desagrado. — É patético que a criadagem o veja assim.»

Meia hora antes tinha pedido um segundo copo de vinho e entregara ao estalajadeiro uma moeda de prata, para compensar o facto de nem Glauco nem a dúzia de criados terem consumido nada durante todo aquele tempo.

«Espero que a coisa funcione e que depois tenha moedas de prata de sobejo.»

De repente, Glauco desenterrou a cabeça dos braços. Olhou para ele, suplicante, com o rosto banhado em suor e lágrimas.

— Já podemos ir? — implorou com a voz entrecortada.

— Até daqui a três ou quatro horas não fará efeito.

Glauco enrubesceu subitamente. Deu um murro violento na mesa e pôs-se de pé.

— Não penso dar mais tempo a esses porcos malditos! — Voltou-se para os seus homens. — Vamos!

Abandonou a estalagem sem voltar a pôr o capuz. Akenon bebeu o último gole do seu vinho e saiu atrás dele.

Na rua havia uma dúzia de guardas de Glauco e uma carruagem de duas rodas com o assento coberto de almofadas. Vários criados ajudaram Glauco a subir. Depois de se acomodar, o sibarita fez-lhe um gesto com a mão.

— Cabemos os dois.

Akenon, por uns instantes, duvidou. A carruagem não estava atrelada a nenhum cavalo. Seis escravos agarravam-se ao varais, ocupando o lugar dos cavalos. Na parte nobre de Síbaris não era permitido o trânsito de cavalos à hora da sesta nem à noite. Akenon preferia caminhar ao lado do carro, mas, imaginando que Glauco faria correr os homens, subiu agilmente e sentou-se ao lado do gordíssimo sibarita.

— Para o palácio, rápido!

Os escravos começaram a puxar a carruagem e o resto da criação deitou a correr ao lado deles. Num total de duas dúzias de homens, metade eram guardas com as espadas desembainhadas. As ruas daquele bairro humilde estavam quase desertas e a única iluminação provinha das tochas dos homens de Glauco. Nalgumas esquinas viam-se fugazmente as sombras acaçapadas e a esconder-se de salteadores ou mendigos que se apressavam a afastar-se do seu caminho. Akenon deixou de olhar para as ruas sujas e estreitas por onde avançavam e pôs-se a observar dissimuladamente o sibarita. Apesar do seu rosto rechonchudo ser inexpressivo, o seu olhar perdido tornava-se inquietante.

Em seguida chegaram ao bairro dos aristocratas. O chão daquelas ruas tinha uma cobertura de pano espesso que tornava o barulho da sua marcha um murmúrio surdo, tão silencioso como o andar de um assassino. Pouco depois chegaram ao palácio de Glauco. As suas altas paredes avermelhadas davam-lhe a aparência de uma fortaleza, como um reflexo da poderosa riqueza do seu dono. Quando passaram o corredor de entrada e acederam ao pátio, Glauco saiu da carruagem tropeçando e gritando ordens como um histérico.

— Mandai levantar toda a gente! Quero-os a todos, agora mesmo, na sala de banquetes!

Ato contínuo dirigiu-se a um lado do passeio de entrada e aproximou-se de uma sombra escondida na penumbra. A sombra adiantou-se, transformando-se à luz das tochas numa figura humana descomunal. Akenon não conseguiu evitar um estremecimento. Era-lhe impossível habituar-se àquela criatura monstruosa, apesar do que via todos os dias desde que chegara a Síbaris. Tratava-se de Bóreas, escravo de confiança e guarda-costas de Glauco. Tinha ficado junto à entrada com a tarefa de não deixar sair ninguém do edifício enquanto o amo estivesse fora.

Glauco perguntou algo a Bóreas e este abanou a cabeça negativamente. Não tinha outro modo de se exprimir, uma vez que, em menino, na sua Trácia natal, lhe tinham cortado a língua com umas tenazes para que pudesse tornar-se servo de confiança que não revelasse os segredos dos seus amos nem sequer por meio da tortura.

Glauco e Bóreas atravessaram o pátio e Akenon seguiu-os mantendo uns metros de distância do gigante trácio. Procurava ficar sempre fora do alcance das suas mãos enormes. Apesar de ser bastante alto, nem sequer chegava aos ombros de Bóreas. Além disso, a corpulência do gigante nem parecia humana. Embora não fosse gordo, devia pesar o dobro de Akenon. A sua cabeça, completamente calva, era tão grande como a de um touro. Tinha braços e pernas grossos como árvores que

revelavam, por baixo da pele escura, músculos formidáveis. O tronco enorme terminava num pescoço curto e mais largo que a cabeça, o que reforçava o seu aspeto maciço.

Akenon, tenso, caminhava atrás de Bóreas, sem afastar os olhos das suas costas. Viria noutra ocasião a verificar com assombro que aquele monstro enorme podia mover-se com a rapidez de um gato. No entanto, havia uma coisa que o alarmava ainda mais: o olhar com que parecia estar sempre a espiar todos os que o rodeavam. Um olhar inquietante, estranho...

«... tão frio como o de um morto.»

CAPÍTULO 4

16 de abril de 510 a.C.

Cinco minutos depois já Akenon via a entrar apressadamente na sala de banquetes o último homem. Ato contínuo, fecharam as portas.

«Há pelo menos duzentas pessoas.»

Akenon não podia deixar de ficar contagiado por aquela multidão assustada ali reunida sem perceber o motivo. Quase todos eram trabalhadores livres ou escravos, embora também estivessem presentes alguns familiares de Glauco que residiam permanentemente com ele. Dois guardas armados cortavam uma das saídas e, quanto à outra, estava tapada pela presença da massa enorme de Bóreas.

Glauco ordenou que se juntassem no centro da sala os triclinios, bancos e mesas que se utilizavam nos banquetes, de maneira que ficou livre um amplo espaço entre os móveis e as paredes. Já temos o nosso pequeno estádio — ironizou com amargura o obeso sibarita.

Mandou avivar as chamas da enorme lareira que tinham enchido até cima de ramos secos. Em pouco tempo, as chamas subiram pelas achas de madeira até as envolverem completamente.

A temperatura da sala começou a subir com rapidez.

Umás horas antes, Akenon tinha entregado a Glauco um pequeno frasco de cristal lacrado com cera.

— Deixa-o fechado e ao fresco até à altura de o utilizares.

O sibarita pegou no frasco e lançou a Akenon um olhar receoso. Estava acostumado a que toda a gente ansiasse por agradar-lhe e incomodava-o a atitude do egípcio, que se mostrava demasiado seguro e independente. Naquele momento, tão transcendental para ele, isso irritava-o particularmente. Tentou rebentar em cólera, mas a sua atenção depressa se virou para o recipiente que tinha na mão. Pô-lo diante dos olhos e observou o seu conteúdo. Era um líquido denso, de um tom amarelo-esbranquiçado.

— De certeza que não notará nada?

— É completamente inodoro até se decompor — respondeu Akenon — e, quando o misturares com o óleo, vai adquirir a consistência deste. É impossível notar-se.

Glauco deu um suspiro cansado e meteu o frasco num dos bolsos da sua ampla túnica.

Meia hora depois fechou-se com Yaco, o escravo adolescente, nos seus aposentos privados.

— Hoje sou eu que te vou fazer a massagem a ti.

Yaco sorriu com traquinice. Uma madeixa loura e comprida tapava-lhe um dos olhos azuis celestes. Deixara deslizar a túnica até à cintura, exibindo um corpo delgado, flexível e cor de alabastro.

— Meu senhor — aproximou-se com um sensual bamboleio —, vais untar o meu corpo todo?

Glauco sorriu com tristeza. De certeza que era dele a culpa de o belo Yaco ser tão luxurioso.

— Vais ficar a brilhar desde os teus lindos cabelos até à ponta dos teus pés adoráveis.

— E escorregadio — ronronou Yaco, humedecendo os lábios e deixando-os entreabertos.

Deitou o corpo esbelto na cama e Glauco começou a acariciar-lhe a pele suave. Junto deles estava um vaso de barro com óleo no qual Glauco metia as mãos com frequência. Além do habitual óleo perfumado, tinha acrescentado todo o conteúdo do frasco de Akenon.

As carícias foram mais intensas e prolongadas do que o habitual. Glauco chorou todo o tempo sobre o corpo do seu jovem amante, sem querer que acabasse aquele que poderia ser o seu último encontro íntimo.

— Tenho de ir por causa de uns assuntos políticos. Voltarei amanhã à tarde — mentiu ao terminar.

Quando se afastava, com a cabeça baixa entre os ombros descaídos, sentiu o olhar do efebo cravado nas suas costas.

«Espero que esta noite se prove a tua inocência, meu amado Yaco. Para o bem de todos.»

— Yaco, aproxima-te.

O escravo adolescente estava num extremo da sala, no meio de um grupo de criados de confiança. No seu rosto misturavam-se o medo e o desconcerto. Por que razão o seu amo tinha regressado a meio da noite e os tinha tirado da cama para os reunir na sala dos banquetes? Porque se comportava de modo tão estranho?

Deu dois passos e parou, inseguro. Todos os que o rodeavam estavam quedos e mudos como estátuas, sem se atreverem sequer a sussurrar. A única coisa que se ouvia era o crepitar cada vez mais forte do lume.

— Aproxima-te, Yaco — insistiu Glauco com muita suavidade. Nos seus lábios grossos esboçava-se um sorriso amável.

O rapaz sorriu e deu mais um passo, mas voltou a parar. Algo no seu íntimo o instava a afastar-se do seu amo.

— APROXIMA-TE!!!

O berro bestial do sibarita deixou toda a gente sem respiração. Quando se desvaneceu o seu eco, na sala apenas se ouvia o som dos soluços abafados de Yaco. O aterrorizado escravo aproximou-se em passos curtos e de cabeça baixa.

«Pobre rapaz.»

Akenon não se arrependia de ter feito o seu trabalho mas, perante a juventude e o medo do rapaz, não podia deixar de se compadecer.

Sob o olhar atento de duzentos pares de olhos alarmados, Glauco passou um braço por cima dos ombros de Yaco e levou-o para junto da lareira. O fogo dançava com fúria.

— Está muito calor — protestou Yaco debilmente.

Glauco ignorou a sua queixa.

— Fica aqui. — Voltou-se para o resto das pessoas. — Os outros que deem voltas à sala a correr. Nesta direção — fez círculos no ar com a mão para indicar a direção desejada.

Vários homens ficaram a olhar uns para os outros, hesitantes. Depois iniciaram com lentidão um trote inseguro.

— Correeei!!! — gritou Glauco, fazendo tremer as suas carnes flácidas e até ficar sem ar no peito.

Os duzentos homens e mulheres puseram-se a correr à volta da mobília amontoada no centro. O corredor entre as paredes e os móveis era demasiado estreito e, amiúde, tropeçavam uns nos outros. Por vezes caía um, mais fraco, e os que vinham atrás tentavam saltar por cima dele, mas era impossível não pisar e pontapear os que caíam. Ninguém parava para os ajudar.

As paredes estavam cobertas de painéis de prata polida cujos reflexos aumentavam o número dos aterrorizados corredores. O espetáculo era impressionante. Akenon ficou por uns momentos a observá-los e, depois, aproximou-se de Glauco e Yaco. Com o calor que se estava a criar, o caso ficaria resolvido em poucos minutos... a não ser que o unguento não funcionasse, ou que o escravo e o amante tivessem tomado banho depois de estarem juntos.

«Nesse caso, pode ser que a fúria de Glauco se vire contra mim», pensou olhando de soslaio para o colossal Bóreas. Estava em forma e era muito hábil com a espada, podia bater-se contra dois ou três guardas e fugir, mas não podia fazer nada contra o gigante.

— O que se passa? A que é que cheira?

Yaco olhava para um lado e para o outro, nervoso, à medida que, a pouco e pouco, se dava conta de que o cheiro pestilento provinha dele mesmo. Glauco tinha-se afastado uns passos do calor intenso que jorrava da lareira. Aproximou-se então de Yaco e inspirou várias vezes o cheiro intenso e nauseabundo que a pele do adolescente emitia. Era uma mistura de enxofre e legumes podres.

— Bem, já sei a que cheira. Podes afastar-te do lume. Põe-te ali à parte, naquele canto.

Yaco, que ainda não estava a perceber o que se passava, afastou-se das chamas com grande alívio. Estava completamente vermelho, da sua roupa desprendiam-se nuvens ténues de fumo. Depois dos gritos loucos de Glauco, estivera ali a queimar-se sem ousar afastar-se da enorme fogueira.

«Pelo menos o unguento funcionou», pensou Akenon um pouco mais tranquilo.

O seu alívio rapidamente se desvaneceu no meio da situação tensa que se criou. Glauco andava pela sala observando os rostos arquejantes dos que corriam. Andava ao acaso, com os punhos cerrados, respirando afanosamente como se ele próprio estivesse a correr.

— Parai! — ordenou de repente. — Agora andai devagar.

Colocou-se no meio daquela suada corrente humana. Todos o olhavam com medo, fossem escravos, criados livres ou, até, os seus próprios familiares. Glauco deitou a cabeça para trás e fechou os olhos. Tinha as asas do nariz dilatadas, inspirando todo o ar que podiam.

Durante uns minutos só se ouvia o rumor de duzentas pessoas caminhando quase em bicos de pés, tentando passar despercebidas no meio daquele cheiro a suor e a podre. Akenon viu que já todos tinham passado pelo sibarita, não faltava ninguém. Talvez Yaco não o tivesse enganado.

— Quietos.

A ordem de Glauco foi apenas um sussurro. Baixou a cabeça e manteve-se com os olhos fechados por uns segundos. Do lugar onde estava, Akenon viu que das pálpebras fechadas do sibarita corriam lágrimas.

Toda a gente parara e, com os olhos cravados no chão, estava à espera. Glauco deu meia volta e foi até junto dos que tinham acabado de passar por ele, observando-os sem qualquer outra expressão no rosto que não fosse um profundo cansaço. Depois afastou-se uns passos dos que haviam corrido à roda.

— Camito, aproxima-te — disse em voz rouca.

Um jovem atraente separou-se do grupo e avançou, reticente, até ao seu senhor, que se pôs a cheirá-lo à volta dele.

— Vai. Tu — apontou para uma mulher mais velha. — Aproxima-te. Cheirou a mulher durante uns segundos.

— Vai. — A mulher afastou-se rapidamente. — Tésalo, aproxima-te.

O dito Tésalo separou-se do grupo. Tinha uns trinta anos e um rosto amável, habituado a sorrir, mas que agora apenas refletia medo. Glauco cheirou-lhe o pescoço e o peito. Sem mudar de expressão, ajoelhou-se pesadamente e farejou-o entre as pernas como um cão.

— Ajuda-me a levantar.

Tésalo era alto e forte, mas mal conseguiu levantar Glauco. Quando o gordo sibarita ficou em pé, suspirou com tranquilidade e, de repente, com uma força surpreendente, deu um bofetão tão forte a Tésalo que o atirou por terra.

— Maldito filho de uma cadela, dei-te toda a minha confiança, tirei-te da lama, e é assim que me pagas!

Tésalo ficou deitado no chão com uma mão no ouvido. Escorreu-lhe por entre os dedos um fio de sangue. Os seus lábios tremiam, mas não se atreveu a mexer-se nem a responder. Glauco estava de novo fora de si, congestionado como se estivesse prestes a rebentar.

Akenon perguntou a si mesmo qual seria o castigo para aqueles dois desgraçados. Com certeza nem o próprio Glauco o saberia. Apesar dos avisos de Eshdek, até essa noite Akenon tivera a impressão de que o sibarita era um homem razoavelmente sensato. Nos dias que havia passado no palácio, tinha-o visto a comer durante requintados banquetes, mas também a chorar à vista dos espetáculos de música e dança que organizava todos os dias.

Embora Eshdek já tivesse dito a Akenon que Glauco era um homem de paixões e um tanto imprevisível, o ambiente que se respirava no momento era de violência e ódio em estado puro.

Glauco endureceu a expressão e virou a cabeça para uma das portas.

— Bóreas!

Fez-se um silêncio tão denso que custava respirar. Naquela atmosfera sobreaquecida, impregnada do fedor do unguento, só se ouvia uma súplica.

— Não, não, por favor, não — Tésalo, ainda no chão, horrorizado ao ouvir o nome do gigante, negava com desespero.

O enorme trácio avançou. As pessoas afastavam-se do seu caminho, imaginando com espanto o que ia acontecer àquele que, até agora, tinha sido o escanção de Glauco. Um homem da sua confiança, sempre a seu lado com um copo de vinho de Sídon, atento ao mínimo sinal do senhor para lhe dar de beber.

— Pega nele!

Tésalo rastejou de costas na patética intenção de se afastar. Bóreas apanhou-o num instante e levantou-o com uma mão como se fosse uma

ratazana. O enorme punho do gigante envolvia todo o antebraço do escanção, que ficou pendurado do braço esticado de Bóreas.

— Nããã!

O grito desesperado de Yaco surpreendeu toda a gente. Atravessou a sala a correr até junto de Glauco.

— Solta-o, por favor. Faz a mim o que quiseres, mas a ele não faças nada.

E o escravo lançou-se aos pés do seu senhor, que olhou para ele com repentina ternura.

— Ama-lo, não é verdade?

Yaco levantou para ele os olhos azuis, esperançado pelo tom de voz de Glauco, que começou a acariciar-lhe a face com as costas da mão.

— Sim — confessou com ingenuidade.

Glauco continuou a acariciá-lo durante uns segundos antes de se dirigir a Bóreas, sem desviar os olhos do rapaz.

— Mata-o.

O gigante apertou as costas de Tésalo contra o seu peito num abraço firme. Yaco guinchou, desesperado, abraçando-se às pernas do amo. Bóreas parou e olhou para Glauco à espera de confirmação.

Akenon sentiu o corpo paralisado. De repente, era como se se encontrasse de novo na câmara de torturas do faraó. Mas desta vez não podia desviar o olhar.

— Mata-o! — vociferou Glauco.

Bóreas foi intensificando o abraço aos poucos, prolongando por iniciativa própria a agonia de Tésalo. Nos lábios do gigante surgiu um sorriso quando Yaco se soltou das pernas do senhor e se lançou às suas.

«É um monstro.» Akenon agarrou instintivamente o copo da sua espada.

Tésalo tinha os olhos tão abertos que pareciam ir saltar-lhe das órbitas. O seu rosto passou de vermelho a roxo. Ouviu-se um primeiro estalido e, pouco depois, um segundo e um terceiro. A boca do desgraçado torcia-se num grito silencioso. Tentou dar pontapés, mas Bóreas nem sequer reparou nisso. Quando parecia que estavas prestes a morrer, o gigante atenuou um pouco o abraço. Depois respirou fundo, cerrou os maxilares e retesou os braços violentamente. O peito de Tésalo esmagou-se como uma ameixa pisada, com um arrepiante estalido pastoso.

Um estremecimento percorreu a sala.

Bóreas deu um segundo apertão e a cabeça inerte de Tésalo tombou e vomitou uma pasta sanguinolenta por cima de Yaco. O gigante abriu os braços e o cadáver de Tésalo caiu sobre o seu tão jovem amante.

Glauco tinha contemplado toda a cena com a boca entreaberta: — Tésalo foi o teu último amante, garanto-te. — O belo escravo

choramingava com a cara colada ao chão, sem se atrever a olhar para o cadáver de Tésalo. — Vais passar o resto da tua miserável vida acorrentado a um remo. Nem um mês vais sobreviver, habituado como estás à vida regalada que sempre te proporcionei. — Fez uma pausa. — Mas, antes, Bóreas vai ocupar-se de ti.

O corpo de Yaco, empapado no sangue de Tésalo, encolheu-se no chão até ficar um novelo tremebundo. Glauco continuou, dirigindo-se desta vez ao gigante.

— Quero que lhe marques a cara com um ferro em brasa até que o aspeto dele fique abominável. Que desapareça todo o vestígio da sua traiçoeira beleza. — A voz entrecortou-se-lhe ao pronunciar a última palavra.

Bóreas acenou afirmativamente. Com uma mão, pegou em Yaco e lançou-o ao ombro. O adolescente guinchou e estrebuchou como um porco no momento da matança. Akenon viu que no rosto do monstro, no instante em que saía com o rapaz, se esboçou um sorriso cruel.

O crepitar enérgico do fogo apoderou-se da sala. Toda a gente aguardava com espanto a próxima reação de Glauco. O sibarita estava lívido, concentrado no eco cada vez mais ténue dos gritos de Yaco. Quando deixou de os ouvir, soltou um guincho agudo e deixou-se cair até ficar de gatas.

— Fora — balbuciou do chão. — Fora daqui, todos!

CAPÍTULO 5

17 de abril de 510 a.C.

Síbaris estava mergulhada num silêncio inquietante.

«Parece uma cidade abandonada.»

Ariadna avançava, montada no seu burro, por uma rua larga ladeada de luxuosas mansões de pedra. Quase todas exibiam nas suas entradas grandes colunas, como se fossem o acesso a templos consagrados aos principais deuses. Atrás de Ariadna cavalgavam os seus dois companheiros, em asnos grandes. Tinha de se virar de vez em quando para ver se a seguiam. O terreno estava coberto de tela grossa e os cascos das bestas não faziam qualquer barulho. Por outro lado, os seus companheiros não pronunciavam palavra durante toda a viagem.

Não estavam autorizados a fazê-lo.

Embora já tivesse amanhecido havia duas horas, aquelas ruas estavam completamente desertas.

«É surpreendente que muitos sibaritas se considerem pitagóricos», pensou Ariadna contemplando as mansões, cujos donos deviam estar ainda a dormir.

Entre a aristocracia sibarita abundavam os interessados no pitagorismo, mas só em certas partes da doutrina e em alguns preceitos. A disciplina observada na comunidade de Crotona, centro da irmandade e local de residência de Pitágoras, era, sem sombra de dúvida, excessiva para eles. Podia dizer-se que o governo de Síbaris era controlado por uma versão bastante tibia de adeptos do pitagorismo.

Parou a montada em frente de um pórtico amplo de colunas estilizadas. Atrás delas, uma pesada porta de madeira estava fechada. Olhou para cima. No friso, por baixo do frontão, destacavam-se baixos-relevos de Hades e Dioniso, os deuses da riqueza e do vinho.

«Tem de ser aqui. Espero que não tenha partido.»

Saltou agilmente da montada e bateu à porta com firmeza.

Akenon meteu as mãos dentro do saco de metal precioso.

Havia uma grande quantidade de pequenas moedas, pulseiras, lingotes... Pegou num objeto lá enterrado e tirou-o. Tratava-se de uma bandeja de tamanho médio. As pegas eram duas águias toscamente trabalhadas com as asas abertas. Avaliou-lhe o peso com agrado e voltou a metê-la no saco, junto ao resto da prata. Era uma visão fascinante. Deixou-se ficar um pouco a desfrutar o momento na tranquilidade do estábulo, ajoelhado no chão de areia e palha. A única coisa que se ouvia era a respiração áspera dos animais. Tinha a certeza de que não iria entrar ninguém.

«É incrível que este tesouro seja meu.»

De repente, o seu sorriso apagou-se e retirou as mãos como se as tivesse manchado: acabava de lhe vir à memória a selvagem execução de Tésalo.

Fechou o saco com um esgar de desgosto e colocou-o ao lado de outro do mesmo tamanho. Atou-os um ao outro com uma corda e carregou-os na mula, juntamente com o resto da bagagem.

Vieram-lhe à memória os últimos momentos da noite anterior. Quando Glauco ordenou que toda a gente saísse, formou-se um engarrafamento nas portas. Na precipitação de fugirem da loucura assassina do seu senhor, houve alguns feridos. Akenon deixara-se ficar junto do sibarita que, de gatas no chão, se lamuriava como um animal ferido.

Por fim, Glauco levantou o rosto desfigurado.

— Dá-me alguma coisa para dormir — choramingava com a baba a escorrer-lhe do queixo e a cair no chão em fios viscosos. — Tenho de ficar inconsciente até o barco de Yaco partir.

Akenon concordou em silêncio. Não precisava de Glauco para cobrar a sua recompensa. Tinham acertado todas as condições na presença de um secretário, que seria o encarregado de lhe pagar.

Saiu da sala de banquetes e, sentindo-se exausto, foi até ao seu quarto. Não viu nem ouviu ninguém enquanto atravessava o palácio, como se este, em vez de alojar duzentas pessoas, estivesse vazio. As tochas do pátio mal iluminavam o ar frio e imóvel da noite. Quando entrou no quarto sentou-se de supetão na beira da cama e apoiou a cabeça nas mãos. Uns segundos depois, meteu o braço debaixo da cama e tirou um saco grande onde guardava a maior parte da sua bagagem. No fundo tinha uma bolsa de couro com muitos frascos e saquinhos, tudo cuidadosamente embrulhado em papel fino para o proteger. Tanto no Egito como em Cartago e na Líbia, tinha dedicado muitos anos a aprender a utilizar o poder das plantas, dos minerais e de diversas

substâncias animais. Aquela bolsa de couro era a coisa mais valiosa da sua bagagem. Tirou um frasquinho de cristal de rocha com um símbolo no exterior que só ele sabia interpretar.

«Se ultrapassasse a dose, Glauco nunca mais acordaria.»

Alimentou durante uns segundos aquele pensamento. Aos seus olhos, Glauco tinha agido como um criminoso.

Em muitas culturas era permitida a execução de escravos, e na maioria das cidades helênicas só se castigava com a morte o homicídio de um cidadão. Era evidente que, se o homicida fosse um aristocrata, o crime contra um escravo quase nunca era investigado. No entanto, Akenon considerava-se um apátrida e ajuizava e atuava segundo as suas próprias regras. Não obstante, tinha de ser pragmático: se matasse Glauco, a primeira consequência seria que a primeira coisa a rolar seria a sua cabeça. Além disso, ele não era um assassino. Até ao momento apenas tinha matado em legítima defesa e não queria que isso mudasse.

Deitou um pouco de água num copo e acrescentou com cuidado duas pequenas medidas do pó escuro contido no pequeno frasco. Mexeu-o enquanto atravessava de novo o palácio até à sala de banquetes. Glauco tinha-se deitado num dos triclinios e chorava suavemente. O cadáver de Tésalo continuava no chão, no meio de um charco de sangue. Glauco levantou a cabeça ao ouvi-lo chegar, tirou-lhe o copo das mãos e bebeu o conteúdo de um trago. Depois deixou cair o copo e olhou para Akenon antes de se virar para dormir. Foi um olhar carregado de ressentimento. Não lhe disse obrigado nem lho diria nunca.

A mula mexeu-se, trazendo de novo Akenon ao momento presente. Deu-lhe umas palmadas na garupa e sacudi a cabeça, tentando varrer dela os acontecimentos da noite anterior.

Não tinha voltado a ver o jovem Yaco. Tinha agora o seu belo rosto de efebo desfigurado e estava decerto amarrado a um remo num dos navios comerciais de Glauco.

Abanou de novo a cabeça e encheu os pulmões do ar frio da manhã. Levando a mula pelas rédeas, atravessou a porta do estábulo e acedeu ao pátio interior.

A imagem que lhe surgiu perante os olhos fê-lo parar bruscamente. Um instante depois, o seu coração começou a bater como se estivesse prestes a rebentar.

CAPÍTULO 6

17 de abril de 510 a.C.

O Mar Jónico resplandecia sob o sol da manhã.

Depois de regressar do seu passeio matinal, Pitágoras parou em frente da comunidade, ao pé da estátua do deus Hermes. Com a mão apoiada no seu pedestal, contemplava a união entre o mar e a costa na direção norte. «Amanhã voltarão.»

Continuava de ânimo pesaroso desde a morte de Cleoménidas, havia três semanas. Mantivera o ritmo nas atividades da comunidade com muitas dificuldades. O seu avantajado discípulo era aristocrata de origem e a sua família tinha ordenado uma investigação a fundo, a qual incluía o interrogatório de todos os membros da ordem presentes naquela noite fatídica.

Não resultara dela a mais pequena pista.

Graças ao facto de os familiares de Cleoménidas serem na sua maioria iniciados na irmandade, tinha-os convencido a que deixassem a investigação nas suas mãos.

«Embora esteja tão perdido como na questão da sucessão.»

Após a sua morte, as virtudes de Cleoménidas sobressaíram mais do que nunca em relação ao resto dos candidatos. Hipocreonte, Orestes e Aristómaco, embora por diferentes razões, não estavam talhados para a política. A Daaruk faltava compromisso e Evandro precisaria ainda de vários anos de amadurecimento.

Inspirou profundamente o ar e lançou uma última vista de olhos ao caminho do norte.

«Deuses, iluminaí-me.»

Akenon contemplou petrificado o que tinha diante dos olhos.

O lugar continuava tão requintado e inofensivo como antes, exceto num pormenor arrepiante.

No pátio do palácio de Glauco havia colunas que formavam uma ampla galeria ao longo de todo o perímetro. Duas das colunas sustinham

um frontão, constituindo um pórtico que dava acesso a um pátio mais amplo, a partir do qual se acedia aos aposentos privados do sibarita. Em frente do pórtico, do outro lado do pátio onde Akenon acabara de entrar, ficava o corredor que ia dar à rua. Era esse o objetivo de Akenon, mas que, de repente, lhe parecia muito longínquo.

A uns passos de Akenon, assentava no seu pedestal uma estátua do deus Apolo em tamanho natural. Seis metros mais adiante erguia-se a de Dioniso. Entre ambas, como uma esfinge que estivesse de guarda a uma passagem, encontrava-se Bóreas.

O gigantesco escravo estava descalço e vestia apenas uma tanga. O frio parecia não o incomodar. Tinha os braços cruzados no peito enorme e os olhos fechados, como se estivesse a dormir em pé.

Akenon ficou-se imóvel. A sua mula também parou à sua esquerda, de cabeça inclinada para o chão. Os únicos sinais de vida em todo o palácio eram os ruídos que, nas suas costas, os animais do estábulo faziam.

Mexeu-se muito devagar, tão silenciosamente quanto lhe foi possível, até se colocar do outro lado da mula. Sem dúvida que era uma boa ideia interpô-la entre ele e o gigante que na noite anterior tinha esmagado um homem com a mesma facilidade com que se esmaga uma casca de ovo.

Porque estaria ali Bóreas? Talvez Glauco o tivesse encarregado de lhe retirar a prata. Também era possível que o gigante seguisse os ditames da sua própria vontade. Akenon pensou em Eshdek, o seu poderoso amigo cartaginês, cujo nome deveria ser suficiente para o proteger... «Proteger dos homens, não das bestas.» Deu um passo na direção da saída sem afastar os olhos do gigante, que não se mexeu. Retendo a respiração, continuou a avançar lentamente. Se Bóreas o atacasse, a sua prioridade seria alcançar a rua, mesmo que tivesse de deixar para trás a mula e a bagagem com a sua recompensa. Tentaria depois recuperá-las através de Eshdek. Conseguiu aproximar-se a dois passos apenas do corredor de acesso. Nesse momento, Bóreas abriu os olhos e cravou nele um olhar intenso.

No rosto do monstro começou a esboçar-se um sorriso.

CAPÍTULO 7

17 de abril de 510 a.C.

As pancadas varreram da cabeça de Alexandre as imagens. O jovem, membro da guarda pessoal de Glauco, recordava com amargura a noite anterior. Era um dos que se tinham posto de atalaia nas portas da sala de banquetes para que ninguém saísse enquanto o seu senhor desmascarava o pobre Tésalo.

«Graças à ajuda de Akenon, esse maldito egípcio.»

Tinha jogado com Tésalo muitas partidas de dados. Era um homem bom, tranquilo, simpático, sempre com um sorriso nos lábios. Nunca iria esquecer a sua morte horrível.

As pancadas repetiram-se e Alexandre aproximou-se da porta exterior de dois batentes. O seu companheiro ficou junto à porta interior, do outro lado do corredor de acesso.

Através do postigo metálico viu uma mulher de uns trinta anos, de pé junto à porta. Atrás dela havia dois homens de aparência inofensiva. Os três vestiam túnicas simples, brancas, sem pregaduras nem outros adornos, e nenhum deles parecia levar armas.

Correu o ferrolho e abriu um dos batentes.

— É aqui a residência de Glauco? — antecipou-se a mulher, antes que Alexandre pudesse dizer alguma coisa.

«Quem será esta mulher que se porta como um homem?», disse de si para si o guarda, um pouco ofendido.

— Quem pergunta? — ripostou com brusquidão.

— Sou Ariadna de Crotona. Procuramos Akenon. Disseram-nos que o encontraríamos aqui.

«O maldito egípcio.» Alexandre sentiu que o rancor lhe queimava o estômago e cerrou a mão no cabo da sua lança.

Dirigiu à mulher um olhar hostil e teve o impulso de se mostrar grosseiro ou, pelo menos, responder-lhe que Akenon não estava; no entanto, pelo que vira até então, o egípcio era um convidado muito prezado pelo seu senhor. Seria melhor engolir o seu ressentimento.

— Vou avisar que o chamem — disse com maus modos.

Fechou a porta na cara de Ariadna. Era a única consolação que podia conceder-se, pelo menos de momento.

Ariadna sorriu. «Não parece que Akenon faça por aqui muitos amigos.» Tinha curiosidade em conhecê-lo. Deu a volta, saiu do pórtico e ficou à espera junto dos seus companheiros.

Deu-se conta de que estava nervosa. Até então tinha dado por certo que o egípcio diria que sim, mas a verdade era que não tinha certeza alguma disso.

«Queira Apolo que aceite o nosso convite.»

Cruzou os braços e manteve o olhar cravado na porta.

Bóreas e Akenon fixavam o olhar um no outro em silêncio. O sol incidia diretamente na pele do gigante trácio, fazendo sobressair o tom avermelhado. Ambos se mantinham imóveis, como se o tempo se tivesse congelado.

Por fim Akenon puxou as rédeas da mula até à saída. Embora não desviasse os olhos de Bóreas, pelo canto do olho viu que a porta estava fechada. Tinha que chamar e esperar que lha abrissem.

A mula começou a andar. O som dos cascos pareceu incitar Bóreas, que descruzou os braços enormes. Akenon sentiu que o sangue lhe gelava e começou a desembainhar a espada.

CAPÍTULO 8

17 de abril de 510 a.C.

— Akenon!

Virou-se bruscamente ao mesmo tempo que levantava a espada. A porta acabara de se abrir e um guarda chamava-o do umbral.

Sentiu um alívio repentino que logo se transformou numa vaga de apreensão. Talvez o guarda e Bóreas tivessem as mesmas intenções: recuperar a prata de Glauco dos seus alforges.

Com os músculos tensos, ficou à espera, de espada em riste, atento ao que acontecia tanto à frente como atrás dele.

— Estão à porta à tua procura — disse o guarda de má vontade.
— Uma mulher... Ariadna de Crotona.

Akenon franziu o sobrolho. «Não conheço nenhuma Ariadna.»

Apareceu outro guarda junto ao primeiro. Os dois abriram de par em par as portas interior e exterior, afastando-se depois para que ele pudesse passar com a mula. Akenon hesitou, mas depois decidiu que qualquer risco era preferível a Bóreas. Com uma mão segurando as rédeas e a outra a espada, entrou no corredor de acesso sem deixar de vigiar o gigante.

«Ena, ninguém me tinha dito que ele era tão atraente», pensou Ariadna.

O seu gesto não mostrava qualquer sinal de interesse, mas a verdade foi que olhou com prazer para Akenon, o qual atravessava nesse momento a porta puxando uma mula bastante carregada. O homem tinha mais dez ou quinze anos do que ela e, pelo que podia apreciar, mantinha-se em boa forma. Vestia uma túnica escura e curta que se lhe ajustava ao corpo sem revelar a habitual curva da barriga dos homens da sua idade. Salientavam-se os músculos fortes dos seus braços, o que, aliado à boa estatura, não passava despercebido. Ao aproximar-se, o egípcio cravou nela um olhar penetrante e um pouco receoso. Ariadna não desviou os olhos e detetou na sua expressão uma centelha de interesse. Tinha um rosto quadrado, moreno, de lábios grandes e olhos escuros. Tinha o cabelo preto um pouco comprido e, ao contrário da maioria dos gregos, a sua cara estava completamente barbeada.

Akenon ultrapassou o pórtico e olhou para trás. Os guardas estavam a fechar a porta atrás dele, o que significava que tanto eles como Bóreas deixavam de ser uma ameaça iminente. Embainhou a espada e observou em silêncio as únicas pessoas que se viam na rua: uma mulher deslumbrante e dois homens de pé junto a três burros quase sem carga.

— Vieram à minha procura? — perguntou dirigindo-se aos homens.

Um deles fez um gesto indicando a mulher, que respondeu numa voz calma e firme.

— O meu nome é Ariadna, e estes são Brauron e Telefontes. Viemos de Crotona, da comunidade pitagórica. Pitágoras pede-te que vás à comunidade e quer contratar os teus serviços. Pediu-me que te transmitisse os seus mais afetuosos cumprimentos e o seu desejo de voltar a ver-te.

Akenon desviou o olhar, demorando uns segundos a responder. Tinha precisamente a intenção de visitar Pitágoras depois de acabar o seu trabalho em Síbaris. Havia mais de trinta anos, sendo ele um rapazinho, Pitágoras viveu uns tempos em Mênfis, a cidade natal de Akenon. O pai deste era funcionário e um notável geómetra. Dedicava-se a formar novos geómetras para trabalharem na correta distribuição das terras depois das cheias do Nilo. O próprio faraó lhe pediu que fornecesse a Pitágoras os seus ensinamentos dessa ciência, que os egípcios vinham desenvolvendo há séculos. O carismático grego passou muitos dias com Akenon e o seu pai. A mãe de Akenon, de origem ateniense, tinha falecido no ano anterior e a família reduzia-se portanto ao pai e ao filho. Partilharam muitas vezes a mesa com Pitágoras, que chegou mesmo a dormir por mais de uma vez na casa deles, quando a conversa animada se prolongava despercebidamente até de madrugada.

Sorriu involuntariamente. Recordava Pitágoras como um homem fascinante e muito amável com ele. Dizia-lhe sempre que teria grandes aptidões, e Akenon enchia-se de orgulho quando recebia os elogios daquele amigo do seu pai e do faraó. Naquela época, Akenon estudava com o pai e, aos treze anos, já sabia bastante de geometria. Teria sido um bom geómetra se a vida não lhe tivesse trocado as voltas.

Com a passagem dos anos, o nome de Pitágoras tornara-se famoso em todo o mundo. Akenon ouvia falar dele de vez em quando, da sua influência crescente e dos seus prodígios. Agora não o via há mais de trinta anos e alegrava-se por o grande mestre se lembrar dele. Contudo, não lhe agradava que Pitágoras quisesse contratá-lo. Graças à prata que ganhara com Glauco, pensava realizar o seu sonho de esquecer as investigações e os crimes durante uns anos.

Concordou ao de leve com a cabeça e levantou os olhos para Ariadna.

— Vou convosco. Tenho muita vontade de me encontrar com Pitágoras. No entanto, não me parece que possa ficar e aceitar qualquer trabalho. A minha intenção é embarcar dentro de poucos dias.

— Agradeço-te que nos acompanhes — respondeu Ariadna.

— Quanto ao resto, o melhor será falares com Pitágoras.

«E duvido que lhe digas que não. Ninguém o faz.»

Nesse momento, a oitenta quilómetros de Ariadna e Akenon, Pitágoras passeava solitariamente por um bosque próximo da sua comunidade. Caminhava com lentidão, absorto nos seus pensamentos, e de vez em quando abanava negativamente a cabeça. O grande peso que os seus ombros suportavam curvava-lhe a cabeça, habitualmente erguida e majestosa.

Atrás dele, escondendo-se entre os pinheiros, alguém observava o grande mestre. Havia já um bocado que o seguia. Tal como Pitágoras, também estava a pensar na morte de Cleoménidas; no entanto, ao contrário do mestre, fazia-o com grande regozijo.

CAPÍTULO 9

17 de abril de 510 a.C.

Akenon sentiu uma súbita euforia quando deixaram para trás as últimas casas de Síbaris.

Esta sensação era tão intensa e gratificante que quase o aturdiu. Era uma mistura de contentamento e energia que provinha do facto de ter terminado com êxito um trabalho, de ter deixado para trás uma situação em que temera pela vida e em levar nos alforjes dois sacos pesados cheios de prata, um autêntico tesouro. A tudo isto aliava-se a excitação de estar em viagem, uma excitação que quase podia chamar-se de prazer, por uma região desconhecida e na companhia de uma mulher que lhe parecia cada vez mais atraente.

Havia três horas que seguiam ao longo da costa. O sol tinha subido no céu sem nuvens e a temperatura tornara-se muito agradável. Akenon observou que o terreno ia ficando cada vez mais escarpado à medida que se afastavam de Síbaris. Nesse momento, Ariadna ia atrás dele, de muito perto. Os seus dois companheiros, num silêncio total nas suas montadas, guardavam uma certa distância deles, aparentemente mergulhados em meditação.

Akenon apenas trocou algumas frases com Ariadna, pelo que seria excessivo dizer que conversavam. Apesar de ela responder às suas perguntas, remetia para Pitágoras tudo o que se referia aos motivos do mestre para desejar que ele fosse a Crotona. No entanto, embora não fosse muito faladora, Akenon julgou perceber nos seus silêncios e no modo de o olhar que não lhe era indiferente. Em Cartago tinha certo êxito com as mulheres e não havia razão para pensar que fosse de maneira diferente com as gregas. Também não era o que se chama um mulherengo, nem pouco mais ou menos. Na verdade, na sua juventude tinha passado por um longo período de ascetismo, que deixara uma certa marca nos seus costumes. Esse ascetismo, no entanto, estava longe de guiar a sua vontade nestes momentos.

Refreou dissimuladamente a montada e observou Ariadna enquanto ela se afastava dele. A jovem trazia o cabelo castanho preso num rabo

de cavalo. A sua expressão era inteligente e tanto os olhos verdes como a boca sensual tinham um ar estimulante de desafio. Era bastante mais baixa do que ele, devia chegar-lhe aos ombros, e era uma mulher de curvas acentuadas, mais voluptuosa do que roliça. Contemplou o contundente movimento do seu peito debaixo da túnica. O tecido era fino e colava-se-lhe ao corpo de uma maneira muito reveladora. Akenon abriu ligeiramente os lábios e começou a respirar pela boca. Ela virou a cabeça para o olhar e sorriu, fazendo com que uma onda de ardor o envolvesse. Tinha quase a certeza de que... quem sabe...

Esporeou a mula para se pôr ao lado de Ariadna.

— Suponho que vamos parar antes de chegarmos a Crotona.

— Claro, temos de pernoitar a meio do caminho. Não se pode ir depressa por estas veredas. Vamos chegar a uma estalagem antes do pôr do Sol. — Exibiu de novo o seu sorriso ambíguo, talvez insinuante. — Para comer podemos parar num planalto que há por trás daquela elevação.

Akenon voltou a cabeça. Brauron e Telefontes vinham vários metros atrás. Não podiam ouvi-los.

— Talvez pudéssemos fazer uma paragem antes. Quero dizer...

Olhou-a fixamente e sorriu de modo inequívoco. Nunca teria agido assim em circunstâncias normais, mas era como se estivesse embriagado pela euforia e pelo especial poder de atração de Ariadna. Além disso, quem sabe se poderiam voltar a ter uma ocasião tão favorável de estarem a sós, no meio de nenhures e apenas com dois acompanhantes que se mantinham à distância e absortos no seu mundo interior.

Ela olhou para ele com uma expressão de incompreensão surpreendentemente ingénua.

«Será que está a fazer-se difícil ou não percebe mesmo?»

— Quero eu dizer — insistiu Akenon — num sítio onde possamos esconder-nos entre as árvores para que ninguém nos veja — e apontou com a cabeça para os acompanhantes da mulher.

— Já percebi — Ariadna sorriu. — Desculpa não ter compreendido antes.

Levantou a mão para que os seus companheiros parassem e puxou as rédeas.

— Não imaginava que fosses tão tímido. Mas não te preocupes, estou habituada. O meu velho pai também tem de parar várias vezes para urinar. São as pequenas moléstias da velhice.

Akenon ficou a olhar, boquiaberto, para Ariadna. A jovem tinha agora uma expressão brincalhona. Já sabia perfeitamente o que ele queria antes de ele lhe ter dito uma palavra.

Saltou da mula e meteu-se por entre as árvores, amaldiçoando-se mentalmente.

«As pequenas moléstias da velhice...»

Esperou um minuto antes de regressar. Foi o tempo suficiente para que deixasse de se sentir ofendido e amuado e se rir de si mesmo.

Voltou para o caminho com um sorriso nos lábios. Montou na sua mula, encarando com desportivismo o semblante divertido de Ariadna, e retomaram a marcha.

Durante um bocado seguiram em silêncio, até que Akenon se voltou para Ariadna e fez outro comentário deliberadamente ambíguo. Ela, sem alterar a expressão, respondeu de novo com aparente ingenuidade, dando a volta ao significado do comentário. Akenon baixou a cabeça para esconder um sorriso. Pouco depois louvou a paisagem de uma maneira que podia ser uma alusão à candura enganadora de Ariadna. Ela concordou e respondeu imediatamente, referindo-se à aridez do terreno circundante com palavras que também pareciam uma piada àqueles que, por serem demasiado presunçosos, acabam por levar por tabela.

Aquele jogo de equívocos e duplos sentidos prolongou-se o resto da viagem ao longo da costa. Havia muito tempo que Akenon não se sentia tão bem. A argúcia subtil de Ariadna e o facto de ela ter zombado dele tiveram o curioso efeito de se sentir ainda mais atraído por ela.

À noite, na solidão da sua cama da estalagem, Akenon reviu os acontecimentos do dia. Antes de adormecer, fez uma promessa a si mesmo:

Em Crotona conseguiria que Ariadna o recebesse no seu leito.

Ao entardecer do dia seguinte chegaram ao destino.

O caminho seguia a linha da costa que, ao aproximarem-se de Crotona, se tornava menos abrupta. Akenon observou tudo com interesse enquanto a sua mula percorria, cansada, o último troço do caminho. Crotona era uma cidade orientada para o mar, centrada no seu porto. Com a passagem do tempo, tinha crescido para o interior até se estender por todo o sopé das colinas que a protegiam. Não era tão grande como Síbaris mas, ainda assim, Akenon ficou surpreendido pelo seu tamanho e pela magnificência dos seus edifícios principais. Não era por acaso a segunda cidade mais populosa de toda a Magna Grécia.

Em vez de entrarem pela cidade dentro, ladearam-na em silêncio na direção da colina mais próxima. Na parte baixa da sua encosta, um quilómetro para além dos limites de Crotona, uma simples sebe delimitava um retângulo de trezentos por duzentos metros. No seu interior concentravam-se vários edifícios, alguns templos e pequenos jardins juncados de estátuas. Parecia uma pequena aldeia na órbita da

grande Crotona, unida a ela por uma senda que lembrava um cordão umbilical. Como se a grande cidade e a pequena aldeia formassem uma simbiose mística.

O caminho por onde seguiam cruzou-se com essa senda e Ariadna guiou o pequeno grupo afastando-se de Crotona, na direção do estranho conjunto de edifícios. Tratava-se da comunidade pitagórica, construída pela cidade de Crotona para que Pitágoras tornasse aquele lugar o centro da poderosa iluminação cultural. Nas últimas três décadas, a irmandade pitagórica tinha passado de uma modesta instituição com algumas dezenas de participantes à mais rica e influente ordem da época: seiscentos discípulos viviam nos edifícios da comunidade crotoniana, com milhares de seguidores da doutrina em diversas cidades, e controlavam dezenas de governos.

Embora Akenon não soubesse, havia uma razão para que o prestígio de Pitágoras não fosse ainda maior: entre as principais regras da ordem contava-se o secretismo sobre muitos aspetos da irmandade, e em particular sobre o núcleo da sua sabedoria. Era exigido um voto de segredo tão estrito que nem sequer podiam passar a escrito as suas principais descobertas. Pitágoras era conhecido pelo seu poder político e pelo seu enorme prestígio como mestre e espírito superior; no entanto, a única maneira de aceder aos conhecimentos que possuía era conseguir aproximar-se dele e ser aceite.

Não era fácil ser admitido na ordem e tornava-se quase impossível alcançar os seus últimos graus. Toda a gente podia testemunhar o poderoso resplendor do mestre, mas muito poucos conseguiam contemplar de perto a sua luz. Nas três décadas de existência da irmandade, apenas seis grandes mestres haviam conseguido fazer parte do círculo íntimo de Pitágoras. Um deles, Cleoménidas, tinha sido assassinado. Dos cinco restantes, apenas o que fosse nomeado sucessor receberia na sua totalidade a poderosa iluminação de Pitágoras.

Aproximando-se mais, Akenon sentiu que um calafrio lhe percorria a espinha. Era impossível furtar-se à aura de espiritualidade que envolvia a comunidade. Esqueceu-se da sua cativante companheira de viagem, com a qual não trocou uma única palavra desde que tinham vislumbrado a comunidade. A sua mente estava concentrada no homem enérgico e enigmático que tinha conhecido no Egito. Estava prestes a voltar a encontrar-se com ele... mas, agora, o mestre já não era somente um homem notável.

Tinha-se tornado o mestre dos mestres.

À porta da comunidade esperava-o um pequeno comité de receção. À frente de todos estava o grande Pitágoras. Akenon, atraído pelo

seu magnetismo irresistível, não podia desviar a vista dele. O mestre destacava-se pela sua estatura imponente, mas sobretudo porque parecia irradiar uma luz especial, como se o sol iluminasse a brancura da sua túnica e o seu cabelo com maior intensidade do que o resto do mundo.

Desmontaram e percorreram a pé os últimos metros. Ariadna caminhava a seu lado com uma expressão indecifrável.

Pitágoras adiantou-se, colocou ambas as mãos nos ombros de Akenon e disse na sua voz firme e sincera:

— Akenon, que grande alegria voltar a ver-te.

Envolveu-o no seu olhar penetrante e Akenon sentiu uma estranha vergonha, como se, de repente, ficasse exposto a tudo o que de bom e de mau havia feito ao longo da sua vida. Ao mesmo tempo, apesar da sua determinação em não deixar envolver-se num novo caso, ficou com a certeza de que lhe seria muito difícil recusar fosse o que fosse a Pitágoras.

Depois de desviar de Akenon aquele seu olhar profundo, o mestre voltou-se para Ariadna.

As palavras que proferiu a seguir fizeram com que Akenon empalidecesse.